

**O MUNDO: VONTADE E REPRESENTAÇÃO SEGUNDO  
ARTHUR SCHOPENHAUER**

Antunes Ferreira da Silva

E-mail: antunes\_ferreira@hotmail.com

Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras - FAFIC; Coordenador do Núcleo de Extensão e Pesquisa Acadêmica – NEPA da FAFIC.

**RESUMO**

O presente artigo constitui-se de uma pesquisa teórico-bibliográfica a cerca da natureza do sofrimento na vida do homem e as formas de libertação deste segundo o pensamento do filósofo voluntarista Arthur Schopenhauer. No intuito de demonstrar o caráter irracional do sofrimento e de provocar uma releitura sobre o tema segundo o filósofo já mencionado elucidando a possibilidade da felicidade, este trabalho apóia-se sobre os escritos do próprio autor e de alguns comentaristas, portanto o trabalho foi efetivado como um diálogo com o filósofo sobre sua teoria, uma análise bibliográfica do mesmo. O mundo é dividido em duas realidades: a numênica, a coisa em si, uma força cega, denominada Vontade; e a fenomênica, as representações subjetivas realizadas pelo sujeito cognoscente. A realidade numênica, a Vontade, provoca nos humanos um ciclo de desejos jamais saciados. O homem é, pois, impedido de ser feliz. Entretanto, um estado de beatitude pode ser alcançado desde que subjuguemos a Vontade ao conhecimento por meio da contemplação estética, que abstrai o homem momentaneamente do sofrimento; da compaixão, que faz desaparecer as formas individuais fazendo o homem compreender o outro como a si; e, finalmente, da ascese, que mortifica definitivamente a Vontade suprimindo os desejos materiais e corporais. Portanto, há uma vida beata que é alcançada pelos caminhos estético, ético e ascético, fato que este artigo quer fundamentar: há uma maneira de viver melhor.

Palavras-chave: Mundo. Vontade. Representação. Influência. Metafísica.

## INTRODUÇÃO

Durante toda a história da Filosofia, buscou-se sempre o significado do ser, da coisa-em-si. Na antiguidade, Platão o identifica com as idéias, sendo esta nossa realidade somente cópia deste ser puro (idéias). Na modernidade, dentre outras teses, destaca-se a metafísica kantiana que divide o mundo em *númeno* (ser ideal) e *fenômeno* (ser real), sendo este o espelho da realidade ideal.

## ENTENDIMENTO DE MUNDO ENQUANTO VONTADE E REPRESENTAÇÃO

Na época pós-kantiana, destaca-se o pensamento do filósofo Arthur Schopenhauer, que buscou nos filósofos citados e no budismo a inspiração para formulação de seu sistema filosófico. O ser-em-si, segundo o nosso filósofo, não seria a idéia, como afirmara Platão, nem tampouco o númeno incognoscível, como afirmara Kant, mas a vontade, um “fenômeno” inteiramente sem-mente, cego, impessoal, sem inteligência, em outras palavras, o caráter instintivo e irracional existente em nossas vidas, como afirma o filósofo:

Um pouco mais de reflexão leva-o a reconhecer que a universalidade dos fenômenos, tão variados na representação, tem uma só e mesma essência, a mesma que ele conhece intimamente, imediatamente e melhor que qualquer outra, afinal, enfim, que, em sua mais aparente manifestação, traz o nome de vontade (SCHOPENHAUER, [s.d.], p. 225).

O trabalho incessante e aparentemente involuntário das funções do nosso corpo: digestão, circulação, crescimento, entre outros, demonstram que o nosso corpo não é somente sede da Vontade, mas a própria Vontade objetivada. Ou seja, a Vontade age em e por meio de nosso corpo, livre e inconscientemente sem se deixar subjugar pelo intelecto. A vontade expressa-se no ser humano através do desejo de manter-se vivo, no vontade de querer-viver ao máximo, tendo como inimiga a morte. Esta, porém, é derrotada pela reprodução (o ato genital), o propósito máximo de todo organismo e o seu maior instinto. O indivíduo quando morre tem deixado de si mesmo, pela consumação do ato sexual, um pedaço que vai continuar a existir, isto é, vai perpetuar sua existência na existência de sua prole. Não é à toa que, na escala vital, a reprodução é a fase que antecede a velhice e a morte.

A este respeito, vejamos as palavras de Schopenhauer:

No homem também, esta mesma vontade trabalha cegamente em todas as funções do corpo a que a consciência não governa, em todos os processos vitais e vegetativos, tais como a digestão, a circulação do sangue, a secreção, o crescimento, a reprodução. Não somente as ações do corpo, mas o próprio corpo por inteiro, é fenômeno da vontade, vontade objetivada, vontade concreta; tudo o que se produz em seu interior deve, pois, produzir-se pela vontade; somente aí, esta vontade não é dirigida pelo conhecimento ou determinada por motivos, mas age cegamente, em virtude de certas causas, chamadas, nesse caso, excitações (Ibid, p. 228- 229).

Aquilo que Kant chamou fenômeno, o nosso filósofo chamou representação. “O mundo é nossa representação”, são com essas palavras que Schopenhauer dá início a sua obra magna: O mundo como vontade e como representação. Segundo ele, tudo o que consideramos como objetos existentes, apenas o são através da percepção mental de um sujeito que os percebe e conhece. “Tudo o que faz parte ou pode fazer parte desse mundo inevitavelmente se submete a ter o sujeito como condição e a só existir pelo sujeito. O mundo é representação”. Existe tão somente o sujeito que apreende a matéria: o olho que vê, a mão que sente, a compreensão que a conhece. Evidencia-se, então, que não podemos afirmar, na relação da existência e do conhecimento, a existência das coisas com certeza, mas a existência do sujeito que as percebe. Assim, nesta relação, o objeto é somente em estrita relação com o sujeito. O mundo só existe como representação, isto é, inteira e unicamente em relação a outro ser, o que o percebe.

Em contraponto ao otimismo hegeliano, Schopenhauer declara que este é o pior dos mundos possíveis, pois não podemos conceber como bom um mundo no qual reina o sofrimento e a infelicidade. O homem, “como um fenômeno da vontade, particularmente determinado e caracterizado”, inserido no mundo, em meio aos ímpetos da Vontade, leva sua vida mergulhado no sofrimento, pois uma força ímpeta, cega e irracional certamente não conduziria à felicidade, mas à infelicidade, a uma vida de sofrimento. Por ser uma força indeterminada, ou seja, sem objetivo a ser alcançado, e sem padrões a serem observados, a Vontade gera uma cadeia de aspirações infindas que conduzem o homem ao sofrimento. “Efetivamente a falta de objetivo, a ausência de qualquer limite é essencialmente própria da vontade em si, que é uma aspiração sem fim”. Em outras palavras, a Vontade conduz à necessidade, e uma necessidade incapaz de ser, um dia, saciada, pois é sempre maior do que sua própria capacidade de saciação. E, mesmo assim, se um desejo é saciado, restam ainda muitos outros a gerar novamente o mesmo processo gerador

da infelicidade. “A felicidade, pois, nunca pode ser mais que a supressão duma dor, duma necessidade”. E, mesmo se um tender for saciado, logo surge o tédio, dor ainda muito pior do que o necessitar. Este ciclo entre querer – possuir – entediar-se dura eternamente, levando à conclusão de que, na vida, o sofrimento é o aspecto mais forte e, portanto, dominante, conforme podemos observar nas palavras abaixo:

A vida humana, pois, passa-se toda em querer e em adquirir. O desejo, por sua natureza, é dor: sua realização traz rapidamente a saciedade: o objetivo não era mais que uma miragem; a posse mata todo o encanto; o desejo ou a necessidade de novo se apresentam, sob nova forma: se não, é o nada, é o vazio, é o tédio que chega, contra o qual a luta é tão penosa como contra a miséria (Ibid, p. 273).

Se o sofrimento é predominante, e se o que predomina é positivo, o sofrimento é então positivo e a felicidade negativa, pois esta não passa além de uma satisfação momentânea de um tender do homem. Em suma, segundo o filósofo, não podemos afirmar que esta vida é uma vida boa, pois: I- o ímpeto que a faz existir é a dor, e o prazer apenas um momento passageiro; II- saciado algum desejo, além dos infinitos outros desejos, surge também o tédio, pior do que o querer; III- quanto mais aprimorado o organismo, maior é o sofrimento pelo qual passa; IV- a vida é um conflito, uma guerra pela sobrevivência.

Tratando a vida segundo os argumentos do filósofo, então, realmente concordaremos que este é um negócio no qual não vale a pena investir, pois, desse modo, ela não passa de uma grande penitência, o querer viver se torna uma tolice e uma ilusão. “A vida se mostra não como um presente que se pode gozar, mas como uma tarefa, uma penitência de que a gente precisa livrar-se”. Nesta vida, somos, enquanto seres, semelhantes a Íxion, castigado por Zeus a passar a eternidade no Hades girando em uma roda, em constante dilaceração e sofrimento. É, pois, sobre dois aspectos que se funda o seu pessimismo: a de que é melhor, ao indivíduo, não existir neste mundo; e a de que este mundo é o pior de todos os mundos possíveis. Para um vivente que acredite que a vida é uma mera ilusão, o otimismo não será mais do que um absurdo impensável. “Como poderíamos adoçar o mar com uma única colher de açúcar?”

Mas o nosso filósofo admite que o homem pode se redimir deste sofrimento quando este indivíduo subjugar inteiramente esta Vontade de viver pela inteligência e pelo conhecimento. É o estado de beatitude, de Nirvana, que pode ser alcançado

subjugando a Vontade ao conhecimento por três meios: a contemplação estética, que abstrai o homem momentaneamente do sofrimento; a compaixão, que faz desaparecer as formas individuais fazendo o homem compreender o outro como a si; e, finalmente, a ascese, que mortifica definitivamente a Vontade suprimindo os desejos materiais e corporais. Schopenhauer afirma em sua obra:

A moral e, em geral, nenhum conhecimento abstrato pode produzir a verdadeira virtude; esta só pode nascer do conhecimento intuitivo, que nos faz reconhecer nos outros a mesma essência que em nós. A verdadeira bondade, a virtude desinteressada, a nobreza pura, não nascem, pois, do conhecimento abstrato; sua fonte é um conhecimento imediato e intuitivo que não se pode adquirir nem suprimir discursivamente; que, por isso mesmo que não é abstrato, não pode ensinar-se, mas deve revelar-se sempre por si mesmo e que, para se exprimir apropriada e adequadamente, recorre não às palavras, mas aos atos, à conduta, a todas as maneiras de viver ([s.d.], p. 283).

E mais:

[...] Aquele que tendo penetrado o princípio de individuação, vê a verdadeira natureza e o conjunto das coisas, já não é acessível a semelhantes consolações; vê-se a um tempo em todos os pontos da rota e prefere sair dela. – Sua vontade se converteu: em vez de afirmar, nega sua própria essência, da qual o corpo nada mais é que reflexo. O fenômeno por que se anuncia esta transformação é a passagem da virtude para o ascetismo (Ibid, p. 287).

## CONCLUSÃO

O homem livre e “feliz” é aquele que, convencido que deve livrar-se do jugo da Vontade, iluminado pela contemplação estética, conscientizado pela vivência ética e vivendo como asceta, consegue quebrar o ciclo querer – possuir – entediar-se, explicado anteriormente, e viver numa calma profunda e inalterável.

## ABSTRACT

The present article is a theoretical and research literature about the nature of suffering in human life and how to release this second thought of the philosopher Arthur Schopenhauer proactive. In order to demonstrate the irrational nature of suffering and cause a re-reading on the subject according to the philosopher mentioned elucidating the possibility of happiness, this work is based on the writings of the author and some commentators, so the work was accomplished as a dialogue with the philosopher on his theory, a theoretical analysis of it. The world is divided

into two realities: the noumenal, the thing itself, a blind force, called Will, and the phenomenal, subjective representations made by the knowing subject. The noumenal reality, Will, in humans causes a cycle of desire never satisfied. Man is therefore prevented from being happy. However, a state of bliss can be achieved provided that subdue the will to knowledge through aesthetic contemplation, which abstracts the man briefly of suffering, compassion, will eliminate the individual shapes making the man understand the other as himself, and Finally, the asceticism, which mortifies Will definitely suppressing worldly desires and body. Therefore, there is a blessed life which is reached by paths aesthetic, ethical and ascetic, a fact that this article aims to support: there is a better way of life.

Keywords: World. Will. Representation. Influence. Metaphysics.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BARBOZA, Jair. *Schopenhauer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BRUM, José Thomaz. *O pessimismo e suas vontades: Schopenhauer e Nietzsche*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

CACCIOLA, Maria Lúcia M. O. *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*. São Paulo: EDUSP, 1994.

DURANT, Will. *A história da filosofia*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

JANAWAY, Christopher. *Schopenhauer*. São Paulo: Loyola, 2003.

LEFRANC, Jean. *Compreender Schopenhauer*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MAGEE, Bryan. *História da filosofia*. 3 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

PADOVANI, Umberto & CASTAGNOLA, Luís. *História da filosofia*. 17 ed. São Paulo: Merolhamentos, 1995.

PERNIN, Marie-José. *Schopenhauer: decifrando o enigma do mundo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

REALE, Giovanni & ANTISERI, Dario. *História da filosofia: do romantismo até nossos dias*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1990. – (Coleção filosofia, vol 3).

REDYSON, Deyve. *Metafísica do sofrimento do mundo: o pensamento filosófico pessimista*. João Pessoa: Ideia, 2009.

SALLES, João Carlos (org.). *Schopenhauer & o idealismo alemão*. Salvador: Quarteto, 2004.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo: UNESP, 2005.

———, In.: *Os pensadores*. São Paulo: Nova cultural, 1997.

———, In.: *Os grandes clássicos da literatura*. São Paulo: Novo Brasil, 1982. – vol 3.

———, In.: MANN, Thomas (apr). *O pensamento vivo de Schopenhauer*. São Paulo: Martins, s.d.

———. *A sabedoria da vida: a arte de organizar a vida e ter prazer e sucesso*. São Paulo: Golden Books, 2007.

———. *Da morte, metafísica do amor, do sofrimento do mundo*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

———. *Fragmentos sobre a história da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

———. *A arte de ter razão*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.